

Capixaba não expressa identidade estadual

ROBERTO GARCIA SIMÕES

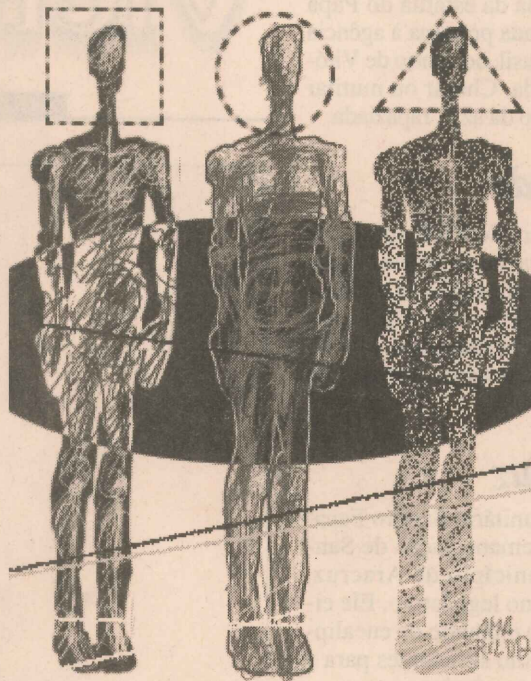
O isolamento do Espírito Santo e a letargia sócio-econômica e cultural contribuíram para a permanência de um regime de subsistência durante 300 anos, restringindo a ocupação ao litoral. No século XIX, o café desempenhou o papel de interiorizar a apropriação de outras áreas, destacando-se o Sul do Estado. Predominavam as populações negra e indígena. Com a intensificação da colonização européia na segunda metade do século XIX, a região serrana passou a ser desbravada. Em linhas gerais, pode-se dizer que o território estadual, até o início deste século, era formado por economias regionais isoladas – o litoral, o sul, a região serrana. Nessa trajetória há que se destacar os conflitos com os indígenas e os negros, pois foi imposta a ferro e fogo uma cultura que se julgava superior.

Este longo processo de isolamento, a formação das economias regionais no sul, região serrana, Vitória e norte, fundamentalmente o litoral, a marcha do café e o processo de colonização – englobando duas das passagens históricas citadas no artigo publicado anteriormente. “O ES tem identidade?” – permitem fazer, pelo menos, duas considerações sobre a temática da identidade estadual.

A primeira delas tem a ver com o caráter das relações externas das economias regionais mencionadas: a) O sul estabeleceu vínculos de dependência com o Rio de Janeiro; b) a vida na região serrana estava centrada na unidade doméstica familiar, cuja relação externa restringia-se ao sal e ao querosene, e c) o extremo norte ficou subordinado a Minas Gerais e à Bahia, principalmente. Neste contexto, o capixaba limitava-se à Ilha de Vitória. Apesar das controvérsias sobre a origem do termo capixaba, a que é de uso corrente procura associá-lo às culturas de milho então existentes na Ilha.

Esta histórica absorção de uma parcela do espaço do Espírito Santo pelos Estados da Bahia e de Minas Gerais e a dependência do Rio de Janeiro, associada à forte expressão desses Estados na Federação, marcaram as análises sobre a identidade do capixaba.

O professor Miguel Kill diz que “O capixaba tem dificuldade em traçar seu perfil psicossocial pelo fato, talvez, de tanto ter olhado para os outros que o rodeiam, muito mais numerosos, famosos, poderosos e bem-sucedidos, que acabou deixando de olhar para si mesmo, de se valorizar e de se destacar, apesar de pouco numeroso”. O então secretário de Cultura da Prefeitura Municipal de Vitória, professor Joaquim Beato, declarou que o capixaba “não pode ficar apenas como um satélite, como um desterrado que sonha morar no Rio de Janeiro, sonha ir para Bahia, que são centros culturais importantes...”, e que ele não pode ser “um produto pálido do carioca”. Antes destas duas declarações anteriores. José Carlos de Oliveira, nos anos 70, manifestava a sua própria trajetória ao dizer que “A grande meta do homem capixaba é tentar a vida no Rio de Janeiro”. Para esse cronista, “O bairrismo capixaba se asse-



A CAPITANIA PASSOU PELO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO CLÁSSICO

melha à saudade de um Espírito Santo imaginário. No fundo, nós temos inveja de Minas Gerais e ciúme dos cariocas. Só nos sentimos irmãos dos fluminenses, nossos vizinhos que são pobres, pequeninos e anônimos como nós mesmos”.

Por destoar destas colocações feitas sobre o capixaba, Cachoeiro de Itapemirim requer uma atenção particular, pois possui uma identidade específica. Conforme já foi mencionado, as ligações preferenciais do sul do Estado – a principal economia regional até meados deste século – foram mantidas quase que exclusivamente com o Rio de Janeiro. Ao ser escolhido como “Cachoeirense Ausente” de 1951, Rubem Braga registrou em sua crônica intitulada “Dia de São Pedro”. “É possível que gente de outras terras ache graça ou exagero no culto que os cachoeirenses temos pela nossa terra. Ela não será melhor que as outras. Não é para ser, nem para fingir que é. Mas nesse carinho egoísta de um homem pela sua cidade cada um de nós sente alguma coisa de superior e de bom”. Ao mesmo tempo em que se procura manter os laços do Ausente com Cachoeiro de Itapemirim, o reconhecimento do seu desempenho e do sucesso obtido fora da cidade revigora a auto-estima e reforça o sentimento de valorização

dos presentes para com os atributos desta cidade que gerou nomes de destaque na cultura nacional.

A segunda consideração que pode ser feita a partir da combinação das duas passagens históricas mencionadas no início deste artigo tem a ver com a colonização e a miscigenação. No primeiro momento, a capitania passou pelo processo de colonização clássico, envolvendo as conhecidas relações entre os índios, negros e portugueses. No século XIX, esse processo se intensificou, principalmente na região serrana, a partir da vinda dos imigrantes italianos, alemães, pomeranos e libaneses; após a Primeira Guerra, chegam os poloneses, estabelecendo-se ao norte do Rio Doce. Para o Professor Renato Pacheco. “O Espírito Santo sempre foi palco de fluxos migratórios, desde os tempos dos índios”, incluindo também aqueles provenientes de outras partes do país, como foi o caso dos mineiros e baianos. Ao falar do primeiro centenário da imigração italiana no Espírito Santo, Rubem Braga notou que “Hoje não há, provavelmente; uma só família de Cachoeiro que não tenha algum membro com sangue italiano; (...)”. As influências desses frequentes e diversificados fluxos migratórios e da amplitude da miscigenação na construção (ou não) da identidade capixaba vêm sendo tratadas em diferentes obras culturais. Ao falar do filme “O Amor Está no Ar” – cuja trama está fundamentada na imigração –, Amylton de Almeida afirma e pergunta: “O Espírito Santo é acusado de não ter identidade, mas reúne todas as etnias do mundo aqui. Será que é por causa disso?”.

Em que medida a diversidade de etnias e a diferenciação regional interna podem ser tomadas enquanto fatores que dificultaram a constituição da identidade do Espírito Santo e do capixaba?

Na análise da “construção social da identidade gaúcha”, o professor Rubem Oliven diz que ela está baseada “num passado que teria existido na região pastoril da Campanha no sudoeste do Rio Grande do Sul e na figura real ou idealizada do gaúcho. É em torno desse eixo que giram os debates sobre a identidade gaúcha. (...) Trata-se de uma construção de identidade que exclui mas inclui, deixando fora a metade do território sul-riograndense e grande parte de seus grupos sociais”. Portanto, a construção da identidade estadual gaúcha se dá a partir da afirmação e do extravasamento de uma identidade regional para o âmbito estadual, no contexto de uma também marcante diferenciação regional e étnica.

No Espírito Santo, ao que tudo indica, a referência capixaba – restrita inicialmente à Ilha de Vitória – foi estendida para todo o Estado, enquanto designação formal para nomear os nascidos no respectivo território, destituída, no entanto, dos atributos que poderiam transformá-la em identidade estadual. A não elaboração desses atributos do capixaba expressava a baixa produção cultural no Estado, que durou quatro séculos.